

Entre desenhos, gravuras e gravações: o Espaço e o Tempo da Escuta.

O *Espaço* é um elemento radicalmente elástico: temos o espaço sideral, o macro, o micro e o nano; o público e o privado; o geográfico, o físico e o metafísico; e tantos outros com seus inúmeros conceitos, sendo intensamente compreendido e analisado nas ciências e nas artes através de todos os tempos. Mas o espaço aqui objeto de investigação de Célia Cotrim é um espaço simbólico, subjetivo, representativo e pouco pensado: o da *Escuta*, e que jamais poderia ser percebido sem o *Tempo* incluso nesta operação. O *Tempo* é também fundamental para maturar, para criar conexões, raízes, razões. Para compreender e aprender, para assim conseguir ver e escutar melhor... para percorrer labirintos incansáveis, para buscar e encontrar, para perder-se. Para mergulhar no escuro e para achar a luz. Para todo e qualquer processo.

Célia partindo de propostas de intervenção em espaços urbanos no início dos anos 2000, onde a *Escuta* então se torna pouco a pouco seu principal material de trabalho; e passando por instalações sonoras, fotografias para ouvir, escritos e desenhos, chega à gravura e ao livro, onde através desta ação de *gravação*, tenta condensar assim a *Escuta* em matéria/objeto.

Gravar a Escuta, eliminando o som, nos leva a este espaço escuro e vazio percebido por Célia... é uma escuta surda, cristalizada, quase aquele zumbido que dá nervoso no total silêncio, mas que nos faz começar a perceber alguns elementos sutis, pequenos headfones estilizados caídos a nos esperar em meio a nuvens, a um espaço quase imatérico. Vemos e não vemos, escutamos e não escutamos. É a este o espaço que Célia quer nos conduzir e assim nos sensibilizar. Será possível?!

Nos inúmeros estudos e diagramas de '*elementos maquinais*' de Leonardo Da Vinci, referência de pesquisa para Célia, particularmente falando da acústica, a potência de percussão é a energia transferida no processo de impacto, onde o som é sempre produzido a partir de um golpe em um objeto ressonante, propagando-se no ar até a ressonância final na membrana do tímpano. Tal como a lei da reflexão do matemático árabe Alhazen, também estudada por Leonardo, a voz funcionaria similarmente a algo refletido em um espelho... a algo visual. Tanto a imagem quanto o som ao nos impactarem, nos proporcionam então identificações ou alteridades.

O *Espaço da Escuta* para a artista é uma matemática não-exata abstrata subjetiva, uma invenção plasmada em desenhos representando proporções entre o céu, o som e a terra, de silêncios e de rumores, de infinitos escuros e rasgos de luz, mas não só. Ela entende que a escuta é algo moldável, assim como a visão, requer tempo, e sobretudo precisa de um corpo e de uma mente para realizar-se, individualmente. Este corpo não é representado nos trabalhos, este corpo é o corpo nosso: nossos olhos e nossos ouvidos, que serão implicitamente a real potência de *re-percussão*.

Dentro deste seu labirinto processual, Célia Cotrim tenta a partir de sua própria escuridão e do seu próprio tempo de escuta decifrar o indecifrável, apalpar o espaço instável da escuta, construindo uma linguagem pessoal delicada, para nos oferecer também a oportunidade de buscar e encontrar a nossa *Escuta*.